

A MATERIALIDADE DAS REVISTAS DE MOLDES, O OFÍCIO DA COSTURA E AS MULHERES: ESTUDO DE CASO DA REVISTA MANEQUIM

THE MATERIALITY OF SEWING MAGAZINES, THE SEWING LABOR AND THE WOMEN: CASE STUDY OF MANEQUIM'S MAGAZINE

Manuela de Azambuja¹

Fernanda Henriques²

Cassia Leticia Carrara Domiciano³

Resumo

O presente artigo discute a materialidade das revistas de moldes de roupas e o papel essencial que esse tipo de publicação tem no aprendizado do ofício da costura para as mulheres no Brasil. Particularmente, o foco é um estudo de caso da Revista Manequim em que se analisou, de forma descritiva, duas edições da revista (737 e 740), entrevistou-se a ex-editora e a atual modelista e observou-se a interação de um grupo *online* de costureiras formado a partir do universo da Manequim. Para a revisão bibliográfica, estudaram-se conceitos relacionados às revistas impressas e digitais, à modelagem no design de moda, ao universo das revistas de moldes e às associações da prática da costura ao ambiente doméstico. Concluiu-se que a Manequim possui um público-alvo fiel e específico de mulheres que aprendem a costurar em casa e que ainda necessitam da materialidade da revista, pois não possuem ampla afinidade com equipamentos tecnológicos.

Palavras-chave: revista Manequim; costureira; costura e modelagem; ambiente doméstico; revistas impressas e digitais.

Abstract

This article discusses sewing magazine's materiality and its importance to the learning of sewing labor to Brazilian women. Particularly, the main subject is a study case of Manequim's magazine in which it was analysed, in a descriptive way, two magazine's edition (737 and 740), interviews with Manequim's publisher and fashion designer were conducted and the interaction of an online group composed by the readers was observed. Through bibliographic research, concepts related to printed and digital magazines, fashion design modeling, the universe of sewing magazines and the connections between sewing and home environment were studied. As a conclusion, Manequim's target audience is very specific, it is composed by women that learn how to sew at home and still requires the magazine's materiality, for they do not have the knowledge needed to deal with technological equipments.

Keywords: Manequim magazine; seamstress; sewing and modeling; home environment; printed and digital magazines.

¹ Mestranda, UNESP – FAAC – Departamento de Design, Bauru, SP, Brasil. manuela.azambuja@unesp.br; ORCID: 0000-0001-7133-5527.

² Doutora, UNESP – FAAC – Departamento de Design, Bauru, SP, Brasil. fernanda.henriques@unesp.br; ORCID: 0000-0003-4303-9274.

³ Doutora, UNESP – FAAC – Departamento de Design, Bauru, SP, Brasil. cassia.carrara@unesp.br; ORCID: 0000-0001-6497-2210.

1. Introdução

As pesquisas em revistas de moda no meio acadêmico consideram constantemente os aspectos estéticos e seus impactos nos públicos-alvo. São inúmeras as análises que abordam de que maneira as capas e matérias conceituam e influenciam conceitos e padrões de beleza feminina. No meio desse cenário, encontrou-se uma lacuna que trata a respeito das revistas de moda voltadas à costura e à modelagem. Essas revistas de moldes de roupas são um rico material utilizado essencialmente pelas costureiras autônomas. Para além das normas estéticas de corpo e aparência, típicas das revistas femininas de moda, essas publicações entregam os moldes com dicas de costura e acabam por capacitar aquelas mulheres que desejam aprender o ofício da costura.

De modo geral, as revistas são veículos importantes de comunicação que refletem aspectos da cultura e da sociedade em que se inserem. No contemporâneo, com o advento da digitalização, a revista passa a ser publicada tanto no formato impresso quanto no formato *online*. O formato vai depender dos objetivos da publicação e do público-alvo envolvido.

Diante desse cenário, as revistas buscam se adequar ao ambiente virtual. Entretanto, as revistas de moldes ainda são publicadas no meio impresso, pois a materialidade é essencial ao público-alvo que se constitui por costureiras. Tendem a publicar, além de temas como dicas de beleza e tendências de moda, um caderno de moldes que a cada edição possui certa variedade de peças do vestuário. O compartilhamento de moldes nas revistas facilita o acesso ao processo de modelagem no design de moda, o qual refere-se a complexa etapa de desenho geométrico planejado que requer conhecimento prévio e especializado em matemática básica, medidas corporais e interpretação de modelos.

Nesse contexto, o presente artigo objetivou problematizar a materialidade das revistas de moldes presentes na prática feminina da costura. Particularmente, o estudo focou na *Manequim*, a revista mais antiga de origem brasileira publicada, sobretudo, no meio impresso e como público-alvo mulheres brasileiras que praticam a costura em ambiente doméstico. O objetivo da pesquisa surgiu a partir do tema central do projeto de mestrado, o qual visa investigar como é a participação feminina no ofício da alfaiataria contemporânea⁴.

Utilizou-se como método a pesquisa bibliográfica, na qual foram estudados conceitos relacionados às revistas impressas e digitais, à modelagem no design de moda, ao universo das revistas de moldes e à prática da costura em ambiente doméstico. Examinou-se publicações da literatura científica como artigos, teses e livros. Além da pesquisa documental em que se entrevistaram a ex-editora chefe Ana Paula de Andrade (2014 – 2016) e a atual modelista Cristiane Lara, ambas da revista *Manequim*. De maneira descritiva, foram analisadas duas edições da revista e observou-se aspectos de um grupo *online* de costureiras formado a partir do universo da *Manequim*.

2. Revistas Impressas e Digitais: Projeto Editorial e Características

As revistas surgiram no século XVII e desde então são mecanismos importantes para a cultura visual. No século XX, foram utilizadas para as manifestações artísticas dos europeus vanguardistas. No mesmo período, o movimento migratório causado pelas guerras e

⁴ Financiada pelo Programa de Excelência Acadêmica da Pró Reitoria de Extensão – PROEX/UNESP, concedido pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES.

revoluções trouxe à América designers europeus e, com eles, aspectos dessas vanguardas consolidando a primeira etapa do período moderno no continente. Responsáveis pelas diversas transformações visuais nas publicações americanas, esses designers estrangeiros e norte-americanos usaram as revistas como meio para experimentação e manifestação de ideias.

No Brasil, no século XIX, utilizou-se as revistas como ferramenta política. Já no século XX, as publicações evocaram a influência dos movimentos artísticos europeus e passam a compartilhar assuntos presentes no cotidiano da sociedade, visando públicos mais abrangentes. A partir da década de 1970, é acentuado o movimento pós-modernista no país que ocasionou as transformações no campo do design. Com o passar do tempo e a perda de interesse por essas tendências pós-modernistas, o design editorial e as revistas transformaram-se, e, atualmente, caracterizam-se pela diversidade de estilos (DOMICIANO, 2013).

Ao longo dessa trajetória histórica, as revistas e outros produtos editoriais, como jornais e livros, proporcionaram uma relação singular com a cultura letrada. Com a popularização das modalidades impressas desses produtos, o design editorial tornou-se essencial para projetar as possibilidades e experiências de leitura contempladas pela materialidade desses objetos. Mediante aos elementos que os compõem, esse campo do design refletiu e reflete aspectos da sociedade, cultura, economia e tecnologia vigentes nas diferentes épocas em que esteve presente (GRUSZYNSKI, 2015).

Com os impactos das transformações tecnológicas e culturais, como o surgimento da televisão e dos meios digitais, profetizou-se o fim dos produtos editoriais impressos. Todavia, esses produtos adaptaram-se às mudanças e junto com as publicações digitais, compõem as diversas possibilidades contemporâneas de projetos de design editorial que combinam aspectos das mídias impressas com as digitais.

Conforme Domiciano (2013), as publicações, como as revistas, geram vínculos entre os produtores/editores envolvidos no projeto e o público leitor. Um projeto editorial considera e define para quem o produto será destinado, qual a abordagem, qual a periodicidade e quais os custos envolvidos. De modo geral, um projeto objetiva formular metas para a publicação, mas, segundo Guaraldo (2012), não deve ser um processo “engessado”, já que a relação com os leitores é essencial para estabelecer diretrizes que atendam aos interesses comerciais da revista bem como as circunstâncias sociais e culturais do público.

Dentro do projeto editorial, existe o projeto gráfico, o qual é a etapa que consiste na construção dos aspectos visuais que contribuem para caracterizar a identidade da publicação. É um conjunto de regras:

[...] particularmente necessário em publicações periódicas (jornais, revistas, coleções de livros), que precisam manter uma identidade visual ao longo do tempo, edição após edição. O projeto gráfico de um periódico, portanto, será sempre uma estrutura que se manifesta em todas as edições, mesmo que o conteúdo específico de cada uma delas seja completamente diferente das outras (GUARALDO, 2012, p. 22).

Aspectos visuais como diagramação, tipografia, cores e imagens, constituem os projetos gráficos das revistas impressas. Essas propriedades, quando materializadas por meio de papéis, vernizes, cortes e encartes, passam a representar qualidades formais, funcionais e emocionais da revista.

Algumas dessas qualidades foram herdadas pelos projetos das revistas digitais. Em relação às revistas e aos jornais, por exemplo, existem aspectos únicos dessas publicações que remetem ao campo jornalístico, no qual se exige a periodicidade e novos conteúdos. Além do nome da publicação, que constitui o principal elemento identitário que se destaca em qualquer plataforma. Ainda assim, há algumas características que são típicas desses novos formatos virtuais de publicação, como a leitura multimídia, a interatividade e o hipertexto (GUARALDO, 2012; DOMICIANO, 2013).

O aspecto visual desses produtos editoriais é essencial, porque é o que permite o leitor se envolver com o objeto. A digitalização desses produtos trouxe modificações que não se restringem apenas às questões tecnológicas. Mesmo que alguns produtos como livros, revistas e jornais digitais preservem características tradicionalmente vinculadas aos impressos que permitem seu reconhecimento como tal, aspectos como espessura, tamanho, encadernação etc. são indicações da materialidade que se perdem nas digitalizações.

Particularmente, no ambiente digital, Gruszynski (2015) observa que os parâmetros construídos para projetar esses produtos tradicionalmente impressos tornam-se insuficientes e demandaram-se novas estratégias para organização da informação. As publicações digitais geraram um processo de desestabilização da cultura letrada tradicional que se relaciona essencialmente com os impressos. O letramento para a autora é uma prática cultural situada nos aspectos sociais e históricos. Nesse sentido, o deslocamento de uma cultura letrada tradicional para uma digital permite que o design editorial desenvolva novos produtos e novas simbologias.

Tradicionalmente são os aspectos físicos, como peso, tamanho e textura que informam as dimensões simbólicas de determinado artefato e, conseqüentemente, estabelecem as posturas e os gestos que viabilizam a leitura e a visão sugerida pela forma do produto. A interação nos produtos digitalizados exige um letramento digital, já que, diferentemente da dimensão física do produto impresso, as plataformas digitais são caracterizadas de maneira distinta. Gruszynski (2015, p. 580) exemplifica:

Para se ter acesso a um ebook [livro digital], portanto, é necessário um letramento digital, pois são várias as camadas a percorrer para se chegar à publicação que se quer ler. É preciso também interagir minimamente com esse texto para poder percorrer as suas diferentes partes, associando esquemas mentais previamente construídos mediante a inserção em uma cultura letrada e redimensionando-os na relação dinâmica com a cultura digital emergente.

Nesse contexto, a liberdade e as diversas chances de escolha são pontos que configuram a revista contemporânea. Os novos modos de publicar integram possibilidades e linguagens ao reformular e reutilizar estratégias tradicionais de comunicação. Os suportes digitais se desenvolvem de maneira própria e, paralelamente, os impressos se adaptam conforme as transformações. Em adição, diferente da modalidade impressa, os custos da produção industrial são zerados no digital e os gastos passam a incluir apenas os custos de criação, os quais abrangem os trabalhos dos jornalistas, designers e fotógrafos.

2.1. Modelagem no Design de Moda

Na área do design de moda, a modelagem é um importante processo para a concretização de peças de vestuário. Segundo Medeiros (2019), é uma atividade composta de diferentes técnicas que transformam os tecidos planos em formas tridimensionais para vestir o corpo.

Emídio (2018) aponta que essa técnica necessita de uma estrutura corpórea, materiais têxteis e diversos outros conhecimentos.

Desde a origem artesanal do sistema de produção de roupas até o surgimento de novas tecnologias, têm-se três modalidades de modelagem que consistem em “métodos de Modelagem Plana (bidimensional); Modelagem Tridimensional, também denominada de Moulage ou Draping e Modelagem Informatizada” (MEDEIROS, 2019, p. 55). A escolha de quais técnicas e materiais a serem utilizados na modelagem depende dos objetivos, direções, finalidade e conhecimentos dominados. Nesse caso, as revistas de moldes trabalham especificamente com moldes de geométrica bidimensional, ou seja, modelagem plana. Conforme Emídio (2018, p. 70), essa técnica consiste em:

[...] um processo minucioso relacionado ao traçado de formas, utilizando-se de retas, curvas e pontos de referência que dão origem à diagramas, realizados a partir de medidas referenciais individuais, ou pré-determinadas por tabelas de medidas industriais. Destas, são extraídas as representações geométricas que seguem a anatomia do corpo denominadas bases de modelagem, ou seja um molde sem folgas e sem margens para costuras, que após aprovado serve de referência para realizar a construção ou interpretação de modelos futuros.

Essas bases prontas, organizadas e guardadas, futuramente otimizarão o processo de modelagem, já que não é preciso repetir toda a sequência inicial para traçar um molde, apenas interpretar a base feita e testada anteriormente. A interpretação consiste em adaptar um molde a um modelo particular, incluindo na base outros detalhes, recortes, aviamentos e folgas. Após a realização da interpretação, necessita-se identificar todos os aspectos importantes no molde que irão para análise mediante a construção de um protótipo. Esse processo consiste em confeccionar a peça no tecido desejado ou de aparência e caimento semelhantes para ajuste, teste, aperfeiçoamento e, por fim, aprovação do modelo que se propõe confeccionar. No caso de uma empresa que trabalhe com peças a pronta entrega, outro passo a ser seguido é a graduação do molde, a qual visa atender os diversos tamanhos dos consumidores (EMÍDIO, 2018).

Segundo a apostila de *Modelagem Feminina – Tecido Plano* desenvolvida pelo Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial do Paraná (SENAI - PR, 2007), a modelagem é um dos processos mais importantes para a concepção de roupas, é o que viabiliza o projeto do estilista. O modelista, profissional responsável pelos moldes, precisa conhecer aspectos da moda, tendências, tecidos, aviamentos e maquinários disponíveis na indústria que trabalha. Dentre os instrumentos utilizados no processo estão lápis, borracha, régua, papel, curvas de alfaiate e fita crepe, sem contar o espaço necessário composto por mesas e cadeiras. Necessita-se ainda alguns conhecimentos prévios como matemática e geometria básicas, como cálculos básicos, ângulos, linhas, pontos, retas e figuras planas. Além disso, é preciso saber como tirar medidas de um corpo humano e como utilizá-las de forma sequencial e correta no processo de traçado do molde (SENAI – PR, 2007).

2.2. A Mulher e o Ofício da Costura

A participação das mulheres em atividades fora do ambiente doméstico intensificou-se depois da Revolução Industrial, efetivando-se na Primeira Guerra Mundial no século XX. Até esses momentos de mudanças sociais, políticas e econômicas, o sexo feminino permanecia majoritariamente responsável pelos espaços do lar. Historicamente, afirma-se que as mulheres

sempre tiveram ocupações e trabalharam, mas, por serem trabalhos predominantemente domésticos, foram menosprezados pela lógica industrial e capitalista. O que valia socialmente eram os acontecimentos dos espaços públicos dominados pelos homens (HIRATA; KERGOAT, 2007; SILVA, 2015).

A prática do artesanato foi exclusivamente delegada ao sexo feminino como forma de manter as mulheres subordinadas aos ambientes domésticos. Silva (2015) afirma que o artesanato não se adequou à produção industrial em massa, por apresentar técnicas manuais. Segundo Algranti (1997, p. 122), no decorrer da história da América Portuguesa, os trabalhos manuais eram constantemente recomendados às mulheres pelos moralistas e aqueles que se preocupavam com a educação feminina “como forma de se evitar a ociosidade e conseqüentemente os maus pensamentos e ações”. Como parte do serviço doméstico, as mulheres também se dedicavam então aos trabalhos de fiação, costura e bordado.

No século XX, com a criação e popularização da máquina de costura doméstica pelo americano Isaac Singer, incentivou-se a criação de ateliês de confecção, a redução do número de mulheres que costuravam a mão e também “contribuiu para a diminuição dos preços das roupas e para o emprego das mulheres nas fábricas” (CALANCA, p. 134, 2011). No entanto, atreladas ao espaço privado do lar, as mulheres que atuavam no ofício da costura tiveram seus trabalhos e contribuições frequentemente invisibilizados. Por esse motivo, na hierarquia dos profissionais da confecção de roupas, as mulheres recebem menor prestígio. Como por exemplo, quando se trata da alfaiataria, percebe-se um enaltecimento aos homens do ofício, apesar da vasta contribuição, técnica e econômica, das mulheres como trabalhadoras da área (NUNES, 2021).

Conforme Hirata e Kergoat (2007), tradicionalmente, cabe às mulheres conciliar a vida profissional e a vida familiar, como cuidar do lar e dos filhos. No período entre o final dos séculos XIX e início do XX, os projetos pedagógicos para as mulheres configuraram-se a partir dessa concepção de que as mulheres deveriam ser preparadas para o lar. O desempenho de funções como o cuidado com a casa, com o marido e com os filhos e o desenvolvimento de habilidades, como aquelas voltadas à prática da costura, eram objetivos evidentes nestes projetos de educação feminina. Tornava-se essencial para as donas-de-casa, o desenvolvimento de conhecimentos relacionados à produção do vestuário. A imprensa, como meio fundamental para o fortalecimento desse discurso, investe na ideia de que a costura teria papel importante na construção da feminilidade, já que o estar “bem-vestida” constituía-se como etapa indispensável para a criação da imagem feminina ideal.

Ainda que ideológico, o ato de aprender a costurar significava também uma certa liberdade em poder atuar profissionalmente caso fosse necessário. A costura e o bordado reafirmavam as funções de mãe, esposa e dona-de-casa em que a “atuação profissional consistia em trabalhos que poderiam ser realizados no seio do lar, como maneira de servir aos filhos e marido e em último caso, de complementar a renda da família” (FRASQUETE; SIMILI, 2017, p. 270). Essas práticas de confecção eram constantemente repassadas pela imprensa às mulheres da casa (mães e filhas) por meio de cursos de corte e costura e revistas femininas veiculadas no período, as quais apresentavam dicas de moda e moldes de roupas. Diversos veículos de informação noticiaram as mulheres sobre as mudanças na moda, como aponta Monteleone (2019, p. 3):

As revistas, gravuras, ilustrações ou publicações de moda geralmente publicavam um texto descrito ao lado da imagem de uma gravura de moda. Muitos ainda traziam moldes-padrão impressos em papel-seda em que uma

modista ou costureira podia trabalhar como base, ou adaptar para o tamanho de sua cliente ou senhora.

No Brasil, a revista Manequim foi pioneira em disponibilizar moldes de modelos de roupas e objetivava alcançar esse público especializado de mulheres que confeccionavam em ambiente doméstico.

3. Estudo de Caso: a Revista Manequim

As revistas de moldes se definem como uma revista de moda que, além de publicar questões relacionadas às tendências, decoração e dicas de moda e beleza, publica um caderno de moldes dedicado aos moldes de roupas e à costura (MÍDIA KIT MANEQUIM, 2016). Conforme Lins (*et al.*, 2016), essas revistas são artefatos aos quais os iniciantes na costura podem recorrer. Os cadernos e folhas de moldes disponíveis nas edições têm como principal objetivo auxiliar as leitoras sobre as etapas presentes no processo de confecção de roupas. “Esse caderno, cheio de passo-a-passo, ilustrações e dicas, é um rico material para quem deseja começar a costurar de maneira autodidata” (LINS *et al.*, p. 1157).

Uma das etapas importantes na produção de roupas, conforme Emídio (2018), são os testes e protótipos que necessitam ser confeccionados para fins de verificação. Em uma empresa essa fase é essencial para que as peças produzidas sigam padrões estabelecidos, porém em pequenos ateliês domésticos, como aqueles criados por costureiras autônomas, a revista aparece como elemento simplificador.

As revistas de moldes dispõem um modelo informacional composto por enunciados, imagens e ícones, no qual é possível compreender: os modelos, os moldes e as graduações disponíveis na edição; os níveis de dificuldades de cada peça; as sugestões dadas para a escolha e metragem de tecidos; e algumas dicas sobre as etapas e marcações que devem ser seguidas no processo de corte e costura para produção da roupa. A forma que as informações comunicam, acaba por instruir as leitoras sobre como construir uma peça de vestuário.

A revista Manequim foi criada em 1959 e é a primeira revista de moda brasileira voltada ao público feminino. Segundo Silva (2015) e como confirma Ana Paula (entrevistada nesta pesquisa), inicialmente a Manequim era produzida pela Editora Abril e foi desenvolvida por Sylvana Civita, esposa do fundador do Grupo Abril. Por ser pioneira, a revista influenciou outras publicações do gênero, como Moda Moldes e Moda e Cia. Silva (2015) aponta que como esse segmento de revista era novidade no Brasil, no princípio, a organização editorial da Manequim importou modelos, fotografias e moldes de roupas que estavam na moda na Europa para publicar no país.

Para este estudo de caso, analisou-se duas edições (737 e 740) da revista Manequim. Entrevistou-se, de forma semiestruturada e remota, a ex-editora chefe e a atual modelista da revista. E observou-se um canal de comunicação e compartilhamento *online* composto por mulheres costureiras leitoras da Manequim.

3.1. A Revista Manequim: o Processo Editorial

Conforme entrevista com Cristiane Lara, designer de moda e modelista da Revista Manequim, a equipe da revista conta com editoras, produtor de moda, jornalista, modelista, entre outros. De modo geral, o processo de publicação da revista ocorre da seguinte maneira: (1) primeiro é criada uma pauta de acordo com o *feedback* das leitoras e as tendências de moda vigentes. (2)

A pauta é repassada para o produtor de moda responsável em conseguir as roupas e os locais para os editoriais de cada edição. (3) Somente então, a modelista recebe os modelos selecionados pela equipe para criação dos moldes.

Cristiane aponta que antigamente recebia as roupas por correio, porém com os prazos, a dependência por um serviço de entrega terceirizado, passou a receber somente as fotos dos modelos e seus detalhes. Segundo ela, isso não se torna um problema, pois ela cria o molde a partir daquilo que a leitora também enxergará na revista: a foto. Os moldes são criados do zero, manualmente e por meio de programas de modelagem computadorizada, e, em todas as edições, as roupas são diferentes. Ela é responsável também por organizar as informações que serão publicadas na revista, como: os desenhos técnicos, o passo a passo para o corte e a costura, as descrições dos modelos e os tamanhos.

Responsável por estas outras informações publicadas na Manequim, Lara conta com uma equipe que a auxilia nesse processo, a qual é constituída por mais uma modelista e uma designer gráfico que edita o molde para publicação. Em suma, adapta as informações para a revista planejando os encaixes dos moldes necessários segundo o limite de tamanho da folha de publicação. É preciso que os moldes estejam corretos e completos e, para isso, a edição da modelagem se torna essencial para identificar os moldes e deixá-lo compreensível.

Ao ser questionada sobre os principais aspectos necessários para a criação dos moldes, a modelista revela que se considera tudo o que a leitora pode gostar, segundo Cristiane, o vestido é a principal peça pedida pelo público. Aponta que a diferença da Manequim para as outras publicações, é que a revista apresenta certo grau de dificuldade ao entregar nas edições roupas de aspectos singulares. Se as roupas forem “muito simples” a revista pode ficar “sem graça”. Por isso, a publicação reúne desde roupas fáceis de produzir até peças mais complexas e conceituais, com originalidade e detalhes distintos. Cada vestimenta é medida por um grau de dificuldade representado de 1 a 4 estrelas, sendo que as peças publicadas na Manequim possuem em sua maioria de 3 a 4 estrelas.

Nas duas edições da revista Manequim analisadas (737 e 740), as pautas principais circundaram a alfaiataria moderna e as versatilidades das peças, o conforto e a moda utilitária (peças inspiradas no estilo militar). Ambas as edições seguem as seguintes características estruturais de conteúdo: (1) capa composta por enunciados sobre os principais temas abordados e fotografia de mulheres nacionais famosas e populares, como atrizes de novela. No interior da revista há (2) seções de “inspirações”, contendo dicas de moda, acessórios, livros para ler, produtos de beleza e novidades sobre os lançamentos e tendências na moda. Posteriormente observa-se (3) a reportagem de capa, composta pela entrevista realizada com a modelo da capa e dicas de composições. Em seguida, tem-se (4) a seção de dicas de costura com ideias de peças fáceis de fazer, como por exemplo, peças de crochê ou objetos de tecidos, como vasos de flor. A publicação pode vir a conter também um item dedicado às receitas culinárias. Por último, observa-se (5) o caderno de moldes, o qual, conforme Lara, possui 32 modelos de peças do vestuário e, com as diferentes graduações, o total de 55 moldes.

Ao longo das edições, observa-se que as fotos das composições possuem ao lado um ícone do desenho técnico da peça, referenciada por código numérico, grau de dificuldade e tamanhos disponíveis (Figura 1). Dessa forma, é possível localizá-la no caderno de moldes.

Figura 1: Ícone em destaque, molde 111.



Fonte: Revista Manequim, edição 737, p. 36

Este caderno é composto por explicações e simbologias e inicia evidenciando a tabela de medidas utilizada pela revista instruindo a leitora em como saber qual o seu tamanho. Depois, tem-se as explicações das simbologias dispostas no decorrer do caderno, como aquelas que representam as pregas, os piques e os botões nos moldes. As explicações abrangem também o funcionamento das marcações internas nos moldes e abordam como encontrá-los nas folhas. Além disso, a revista oferece instruções para considerar ao iniciar a construção das peças, como por exemplo, observar com atenção o passo a passo da revista e planejar o que será feito (Figura 2).

Figura 2: Introdução do caderno de moldes.

CADERNO DE MOLDES

Depois de escolher o modelo, siga as nossas instruções para encontrar, cortar e montar a sua roupa

QUAL É O SEU TAMANHO?

O primeiro passo para fazer a roupa escolhida é saber qual o seu manequim. Para isso, comece tirando as suas medidas. Você deve ficar em frente a um espelho ou pedir a ajuda de alguém para que a fita métrica fique rente e não altere o resultado. Comece amarrando um barbante na cintura e siga as orientações do desenho ao lado. Confira as medidas obtidas com as da tabela abaixo. Nunca faça comparações com as medidas do molde. Faça os ajustes necessários na peça.

- A | **BUSTO** | Passe a fita métrica ao redor da parte mais saliente do busto ou do tórax e das costas, nas axilas.
- B | **CINTURA** | Envolva a cintura com a fita métrica.
- C | **QUADRIL** | Circione a parte mais saliente, na altura dos rins.
- D | **COMPRIMENTO DA BLUSA** | Meça a distância da parte mais alta do ombro, na base do pescoço, até a cintura.
- E | **LARGURA DAS COSTAS** | Esta medida só é importante para costas largas demais ou muito estreitas; com os braços estendidos na frente, meça, nas costas, a distância entre as axilas.
- F | **LARGURA DO BRAÇO** | Passe a fita ao redor da parte mais larga do braço.
- G | **OMBRO** | Meça, a partir da base do pescoço até o limite, a largura do tempo.

TAMANHO	PP	P	M	Q	Q1	Q2	Q3	Q4	Q5	Q6
A. Busta	82	86	90	94	98	102	106	110	114	118
B. Cintura	66	70	74	78	82	86	90	94	98	102
C. Quadril	88	92	96	100	104	108	112	116	120	124
D. Compr. blusa	67	71	75	79	83	87	91	95	99	103
E. Larg. costas	34	35	36	37	38	39	40	41	42	43
F. Larg. braço	25	26	27	28	29	30	31	32	33	34
G. Ombro	33	34	35	36	37	38	39	40	41	42

COMO TIRAR MOLDES



1. Escolha seu modelo.
2. Veja em que folha se encontra.
3. Veja quais peças pertencem ao modelo, além da cor e do tipo do tecido.
4. Coloque sua peça de modelagem, uma folha grande de papel-carbono e, sobre ela, a Folha de Medidas. Se, na borda da folha, você encontrar a indicação de cor, digite o número da peça. Posicione uma alfinete da borda da folha, seguindo o número da peça, ao molde, até encontrar o mesmo número. 6. Com o auxílio de uma caneta, corte ou um lápis (seco) o material mais confortável para você, siga todo o riscoado. Observe as indicações de fio, pregas, caseado, botões, dobras de tecido e repasse para o seu molde. 7. Terminada uma peça, comece outra, mudando a posição do papel para a sua modelagem, assim uma parte não fica em cima da outra. 8. Repita a operação em todas as peças do modelo.

CONSTRUINDO SUA ROUPA

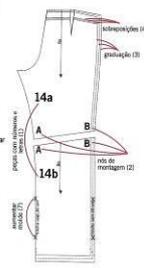
1. **PLANO DE CORTE**, com o molde em mãos, siga as instruções de dobra de tecido e do sentido do fio. Estenda o tecido sobre a superfície, coloque os moldes das peças que compõem o modelo. Veja legendas no Caderno de Receitas.
2. **RISCANDO O TECIDO**, pegando o molde no direito do tecido para alinhete ou colocar peso, o importante é firmar o molde para não sair do lugar. Use giz de alfaiate ou caneta específica, que apagam depois de certo tempo. Em tecidos claros, use giz de cor mais próxima e repasse as marcações suavemente. Distribua o molde das peças sobre o tecido e encoste da melhor forma. Confira se todas as peças foram tocadas e corte.
3. **COSTURANDO**, costure sua peça piloto usando o tecido-teste. Esta recomendação é importante em todos os moldes escolhidos por conta da anatomia humana ser diversa, mesmo com medidas iguais. Isso evita desperdícios de material e garante uma peça bem costada, com o caimento sob medida.
4. **AJUSTANDO**, vista a peça piloto e marque os ajustes necessários. Faça os cortes na modelagem.
5. **CORTE DEFINITIVO**, com o tecido escolhido, corte o modelo seguindo o plano de corte.
6. **COSTURA**, siga as instruções do passo a passo no Caderno de Receitas.

SIMBOLOGIA

- CASEADO** | Posição em que deve ser feita a cost. Pode ser na vertical ou na horizontal.
- BOTÃO** | Posição em que se deve prender o botão.
- PIREGA** | Os piques marcam seu início e fim e a seta o sentido da dobra. Podem ser simples ou dobradas (sem costura), contrastadas por dentro ou até a margem indicada no molde.
- FIOS** | Posição em que se deve prender o fio.
- FRANZIR** | Linha com duplo pontilhado que significa dobrar suavemente o tecido, como se fosse um fransido bem leve. Os piques marcam seu início e fim, mas podem atingir toda a área sinalizada.
- ENHEBER** | Linha com duplo pontilhado que significa dobrar suavemente o tecido, como se fosse um fransido bem leve. Os piques marcam seu início e fim, mas podem atingir toda a área sinalizada.

MARCAÇÕES INTERNAS

- 1. **PIEÇAS COM NÚMEROS** | LETRAS a mesma peça pode estar dividida em partes. Quando ocorrer, verá acompanhada por letras (exemplo: 14a, 14b, 14c...). Fique atento(a) na junção destas partes, elas devem coincidir uma linha sobre a outra.
- 2. **MODE DE MONTAGEM**, letras maiúsculas que se encontram ao pégo divididas (14a, 14b, 14c...) servem como guia ao encontrar as linhas do molde (A) juntar com A, B) juntar com B, C) SÍMBOLOS DO MOLDE, um molde possui desenhos de cores variadas. Esteja atento(a) ao molde escolhido, pois em alguns casos, há aberturas. Então deslize junto ao molde da Folha de Medidas. 4. **DORNA DO TECIDO**, no plano de corte e em vários ângulos.



junto ao molde, observe o texto informativo: dobrar tecido. Significa que o molde foi riscado pela metade, precisa ser dobrado naquele trecho e transformado em inteiro. 2. **AUMENTAR MOLDE**, possui um X que determina o ponto de partida ou trecho específico, além da descrição da operação.

DICAS E VALPOS

- 1. **PLANO DE CONTRUÇÃO DA ROUPA OBSERVANDO O MOLDE DE CORTE E SEGUINDO O PASSO A PASSO DO CADERNO DE RECEITAS**
 - O plano de corte ou mesmo as instruções de montagem da peça são sugestões. Elas podem variar conforme a sua habilidade, o seu manequim e a sua experiência.
 - Em caso de ajuste de medidas (argumento não reduzir), faça ajustes depois de cortar as peças da Folha de Medidas.
 - O consumo de tecido pode variar para mais ou para menos, a depender do encaixe de peças que farão as partes do molde e da largura do tecido escolhido.
 - Os cortes enfiados tendem a formar bolos. Acostumase pendurar a roupa no cabide e, após 24 horas, eliminar as pontas.
 - Foda malha deve descansar no retêlo, 24 horas antes de ser costada. Deixe a sobra uma mesa, fazendo dobrar uma sobre a outra.
 - Todos os moldes contêm margem de costura inclusa. Nas medidas platinas (1 cm), e nas malhas, 0,5 cm, exceto em casos especiais, indicados no Caderno de Receitas e/ou nos moldes das peças correspondentes.
 - Em alguns casos, molde e tecido possuem a mesma modelagem, diferenciado pelo comprimento. Essas peças contêm a informação: corte molde papel.

Fonte: Revista Manequim, edição 737, p. 62-63 e edição 740, p. 58-59

A introdução é seguida pelas explicações de cada modelo presente na edição (Figura 3). De acordo com as referências e o grau de dificuldade dadas ao longo das páginas da publicação, é possível identificar as roupas. Para cada peça é exemplificado: a cor da linha na folha de moldes, os tamanhos disponíveis, o desenho técnico e a lista de materiais necessários, como panos e aviamentos. A revista demonstra também o plano de corte, ou seja, como os moldes devem ser dispostos em cima do tecido para serem cortados. Logo após, é possível observar o passo a passo essencial para a confecção da roupa, equivalente a uma sequência operacional.

Figura 3: Recorte da explicação, molde 111.

111★★★★

BLAZER | Molde na folha: 5
Peças: 1 a 13 | Tamanho: 38

Riscado em: verde

Margem de costura de 1,00 cm inclusa no molde.
Comprimento: 18 cm a partir da cintura

LISTA DE MATERIAIS

- Tecido sugerido: 2,00 m de sarja + 1,00 m de cetim para forro (tecidos com 1,40 m de largura)
- Linhas (reta e fio overloque)
- Linha de pesponto
- 2 botões nº 30
- 6 botões nº 24
- 1 par de ombreiras
- 1,0 m de entretela termocolante fina

PEÇAS E CORTE

1: frente central. Cortar 2 pares no tecido + 2 pares na entretela
2: frente lateral. Cortar 1 par no tecido + 1 par no forro + 1 par na entretela
3: vista do bolso. Cortar 1 par no tecido + 1 par na entretela
4: bolso. Cortar 1 par

PLANO DE CORTE

tecido: 2,00 x 1,40 m

PASSO A PASSO

- Entretele todas as partes indicadas do blazer: 1, 2, 3, 5 e 12. Reserve.
- Feche as pregas do forro das costas (13), dobrando entre os piques, no sentido das setas. Pesponte o topo e o comprimento para firmar.
- Junte o revel com o forro das costas (12 e 13). Reserve.
- Feche o centro das costas (10). Pesponte.
- Junte as costas central com a lateral (10 e 11). Pesponte e reserve.
- Junte a frente central (1) com a lateral (2) e pesponte. Faça o mesmo com o forro (sem pespontar).
- Faça o corte central na marcação do bolso embutido. Repita o processo com o bolso (4).
- Junte o bolso (4) com a frente pelo entorno do corte. Dobre a vista (3) ao meio e costure entre as camadas, na borda inferior do corte. Revire.
- Embuta as bordas laterais e superior do corte, na frente, e costure todo o entorno, mantendo o bolso (4) embaixo.
- Dobre o bolso (4) e feche as laterais e borda superior.
- Junte a frente com as costas pelos ombros e laterais. Observe que a estrutura do blazer estará formada. Repita o processo com o forro.
- Prensas as ombreiras na junção da frente com as costas. Use pontinhos pequenos. Reserve.
- Junte os cortes da gola (5) pela borda superior e laterais. Faça piques nos cantinhos, revire e passe ferro. Pesponte.

Fonte: Revista Manequim, edição 737, p. 69

Segundo Ana Paula de Andrade, ex-editora chefe da Revista Manequim (2014 a 2016), na época em que esteve na revista havia uma grande questão que era baratear a publicação. Com a crise editorial e econômica no país e os poucos anúncios, a revista não se sustentava e houve a decadência do número de assinantes. No entanto, existia ainda um público fiel: as costureiras – em maioria, residentes de cidades do interior –, as quais utilizavam a Manequim como referência para confecção de roupas. Com o objetivo de baratear a revista, Andrade conta que se iniciou um projeto para digitalização da Manequim e que o principal problema para tal eram os moldes, os quais por serem complexos, eram o que encarecia a publicação. Porém com um público não integrado às questões tecnológicas, a desistência da digitalização e a aceitação dos custos dos moldes foram necessárias.

Sobre a digitalização da revista, Cristiane comenta que atualmente a Manequim digital já existe, mas como os moldes são a “alma da revista”, é aquilo que a sustenta. Concordando com Ana Paula, coloca que como o público – mesmo com acesso à internet e inteirado nas redes sociais – possui dificuldades em se integrar nas questões digitais, a equipe conclui que o processo de digitalização se torna complicado para que a informação chegue às leitoras.

3.2. A Revista Manequim: o Público-Alvo

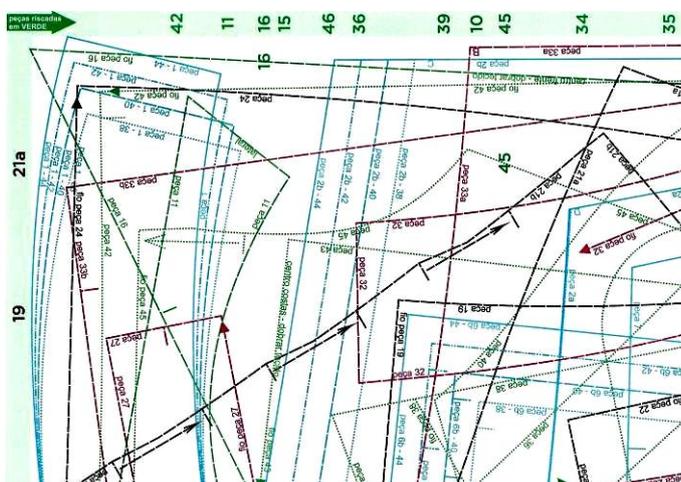
O público-alvo da revista se refere ao feminino, em torno dos 50 anos, o qual utiliza a publicação para costurar para si e para a família. De acordo com Lara, a revista Manequim considera como *persona*, ou seja, exemplo de perfil de leitora, a Beth Brunorio (*Instagram @beth.brunorio*), a qual se define como uma mulher, de meia idade, com filhos e que consome a Manequim à mais de 30 anos. Nas suas redes sociais ela compartilha e conversa com as leitoras sobre aspectos da revista e do universo da costura.

Quando questionada sobre a aproximação com as leitoras, Cristiane afirma que as redes sociais foram essenciais, sendo que a aproximação da Beth Brunorio com elas foi o que motivou Lara e outros da equipe da Manequim a prestarem atenção às histórias do público. Aponta que as mulheres que consomem a revista possuem sentimentos afetivos às publicações. A maioria não trabalha com o processo da modelagem e, por isso, a Manequim entra como elemento essencial no aprendizado e na prática da costura. A atenção que a equipe entrega às leitoras é necessário para ensiná-las a mexer nos moldes da revista e obter o *feedback* para construção das próximas edições.

O processo de modelagem é essencial para o desenvolvimento de produtos do vestuário e a costura depende diretamente da modelagem, a qual constitui-se como um procedimento diversificado e complexo, particularmente para aqueles sem conhecimento prévio sobre as estruturas que compõem os moldes das peças. Nesse sentido, as revistas de moldes se transformam como facilitadoras dessa construção, pois entregam de maneira acessível moldes prontos, testados e graduados às leitoras.

Lins (*et al.*, 2016) defende que a tiragem de moldes da folha da revista é dificultada pela forma como a informação está disposta. Todavia, percebeu-se que as leitoras acabam por facilitar maneiras de tirar os moldes em que as folhas não amassem e que seja possível guardar o molde tirado para utilizar depois. As folhas de moldes são constituídas por diversas linhas e formas sobrepostas, cada molde e tamanho da peça são diferenciados por cores e um sistema específico de numeração (Figura 4). Ao conhecer como a lógica da revista funciona, torna-se mais fácil o processo de tiragem. Algumas utilizam folhas de papel manteiga ou acetato, as quais é possível visualizar o molde por baixo. Outras com papel carbono e carretilha conseguem realizar o processo com facilidade.

Figura 4: Detalhe da folha de moldes.



Fonte: Revista Manequim, edição 737, folha de moldes

Com a qualidade e a riqueza de conteúdo disponibilizado pela Revista Manequim, Cristiane comenta que é possível trabalhar utilizando os moldes da publicação, pois além de conter produções de moda, informações sobre tendências e estilos, a revista entrega às leitoras roupas requintadas e composições bem-produzidas que são ensinadas no plano de corte do caderno de moldes. É viável também a utilização da modelagem publicada para a criação de seus próprios modelos.

Em uma entrevista ao vivo na rede social *Instagram* da modelista (@cristianelara, 21 de abril, 2020), a profissional fala com uma costureira que hoje é proprietária de um ateliê. A conversa consistiu em debater as possibilidades de fabricação de roupas de festa e sob medida a partir dos moldes de revistas. A costureira aponta que desde pequena aprendeu a costurar com as revistas de moldes e conforme cresceu, desenvolveu técnicas próprias a partir dos moldes prontos para confeccionar o que suas clientes pediam. Com alguns truques e conhecimentos adquiridos ao longo de experiências, diz que consegue transformar com tranquilidade um molde de revista em uma roupa sob medida para suas clientes.

Além do caso relatado, Cristiane conta outras histórias de leitoras, como trabalhadoras aposentadas ou mulheres diagnosticadas com depressão que iniciaram na prática da costura ao consumir as revistas de moldes. Comenta que fazer parte da vida das leitoras, saber o que a Manequim proporciona a elas é gratificante, além de que a atenção dada às mulheres faz com que se sintam importantes. Relata que com a crise de distribuição das revistas em geral no Brasil ocasionada pelo monopólio de empresas e posteriormente pela pandemia do novo Coronavírus, um dos modos das leitoras adquirirem o produto é pelo site oficial da Editora Escala⁵.

A crise também fez com que a representante da *persona* da Manequim, Beth Brunorio, divulgasse em sua rede de relações com as leitoras, o contato de um jornalista. Por ser residente em São Paulo, o jornalista recebe as novas edições da Revista Manequim e, com seu contato divulgado por Beth, recebe também pedidos de leitoras de todo o país e envia a elas essas novas edições publicadas.

De acordo com Martindale e McKinney (2020), nas últimas três décadas houve um crescimento no ato de costurar em casa. O motivo está centrado na busca por realização pessoal, o qual é composto por três razões: investimento, controle e empoderamento. Esses três aspectos são representados como um ciclo de estágios igualmente importantes para a realização pessoal. Primeiro o estágio de investimento, o qual corresponde a aprender a costurar e adquirir habilidades. Posteriormente o estágio de controle, em que as costureiras utilizam suas habilidades para controlar aspectos de sua aparência e seu consumo, pois passam a confeccionar suas próprias roupas e conseqüentemente adquirem maior liberdade de escolha.

O estágio de empoderamento representa todo o processo de empoderamento proveniente das habilidades conquistadas, do controle da aparência e consumo, da confiança própria e do apoio de família e amigos. Além disso, muitas passam a pertencer às comunidades da costura, as quais são constituídas por costureiras que se empoderam e influenciam positivamente na continuidade da prática. Esses três estágios tornam-se um ciclo que se repete conforme essas mulheres continuam a investir no ofício. É a partir desse ciclo que as costureiras experienciam a realização pessoal estimulada pelo desejo de costurar e pela participação nessas redes de compartilhamento.

⁵ <https://www.escala.com.br/>

Em contato com Beth Brunorio, ingressou-se em um grupo da rede social *Whatsapp*, nele são integrantes mais de 140 mulheres que costuram e compartilham as peças produzidas e conversam sobre o ofício da costura. Ao adentrar no grupo, logo percebe-se a cumplicidade entre as mulheres, mesmo ao morarem em lugares distintos. Com o compartilhamento de fotos e relatos, observou-se o ciclo dos três estágios apresentados por Martindale e McKinney (2020). O primeiro estágio de investimento foi concluído pelo fato de que essas mulheres compartilham peças mais complexas e relatam os aprendizados, as dificuldades e as facilidades para as outras.

Percebe-se então o estado do controle, no qual elas publicam fotos delas mesmas vestidas nas peças e contam como a peça serviu perfeitamente. Conversam também sobre cores, tecidos e peças a serem confeccionadas. Questionadas sobre o uso da revista Manequim, algumas compartilharam as peças e de quais edições foram retiradas. Observou-se o empoderamento quando são relatadas dificuldades pessoais, como a baixa visão, e, logo em seguida, se seguem respostas nas quais as outras do grupo elogiam as peças e a coragem. O empoderamento também é percebido quando relatadas as facilidades de uma peça nova e, em conjunto, o incentivo para outras costureiras produzirem a mesma. Por fim, notou-se o orgulho ao compartilhar as peças confeccionadas, principalmente daquelas retiradas das revistas de moldes, como a Manequim, que ficaram iguais às fotos.

4. Considerações Finais

O artigo objetivou problematizar a materialidade das revistas de moldes em um momento em que a digitalização dos meios tradicionalmente impressos de comunicação (jornais, revistas e livros) é cada vez mais frequente. Como resultado das pesquisas e do estudo de caso da Revista Manequim, identificou-se que as revistas de moldes são essenciais para as mulheres que decidem, por iniciativa própria, aprender a costurar em casa. Por esse motivo, o principal público-alvo dessas publicações, em especial da Manequim, é constituído por costureiras que possuem forte ligação emocional com a revista, entretanto, não são próximas de equipamentos tecnológicos, como *tablets* e computadores. Para a digitalização, as leitoras precisariam conhecer programas e possivelmente adquirir maquinário específico para impressão dos moldes. Desse modo, para contemplar os interesses comerciais e alcançar as leitoras é preciso que a Manequim se mantenha majoritariamente uma publicação impressa.

A Manequim surge na metade do século XX quando, no Brasil, as revistas visam públicos abrangentes, ao se tornarem mais constantes e com focos em assuntos do cotidiano. A revista surge também em um momento em que os projetos pedagógicos destinados ao sexo feminino abarcam a construção da feminilidade mediante ao ensinamento de práticas domésticas, como cuidar do lar e saber costurar. Apesar de estar presente em um discurso ideológico, o ofício da costura passa a representar um importante meio de trabalho para as mulheres que decidem atuar na área, muitas vezes como forma de complementar a renda da casa.

As revistas impressas precisam de aspectos que concretizem sua materialidade, no caso da Manequim, mesmo com os custos a mais do que se fosse uma publicação digital, existe a preocupação com os moldes das roupas, os quais são a “alma da revista”. Os aspectos físicos da revista são importantes para proporcionar experiências de leitura e é o que determina as ações frente ao produto. Ler e folhear a Manequim, e, realizar a tiragem dos moldes são atos fundamentais para as leitoras, mudanças drásticas no formato da revista poderiam acarretar perdas significativas de público-alvo.

Mediante às análises das edições e às entrevistas realizadas, observou-se o cuidado no projeto editorial da revista Manequim em sempre adequar a revista segundo os gostos das leitoras. Também se notou que a revista possui elementos gráficos inerentes a qualquer edição, como é o caso da introdução do caderno de moldes ou como os moldes são apresentados na revista e como as confecções das peças são exemplificadas e explicadas. A revista apresenta um modelo de simbologias e representações que são aspectos importantes para a própria identidade visual. No processo editorial, o detalhamento das informações para as leitoras é fundamental e o projeto necessita considerar os limites de espaço da folha de impressão, os encaixes dos moldes, as informações de corte, os tamanhos, entre outras informações.

A revista Manequim, assim como outras revistas de moldes, substitui a etapa da modelagem plana, a qual é caracterizada pela prática manual. Os moldes dessas revistas trazem modelos prontos, testados e graduados que seguem as tendências vigentes no momento de publicação. Essas informações da publicação, facilitam processos essenciais na indústria da moda, como a pesquisa prévia de tendências e o desenvolvimento de moldes, procedimento que inclui gasto de tempo e material, já que é necessário confeccionar protótipos para fins de teste, ajustes e aprovação.

Além de simplificar etapas, trazem as descrições necessárias para a produção das roupas tornando possível o aprendizado autodidata. Entretanto, não significa que, ao trazer moldes específicos, as leitoras ficam presas às peças propostas, a partir desses moldes é possível reinventar os modelos conforme desejar. Com o tempo, as costureiras passam a criar certos laços afetivos com essas revistas, nesse caso, com a Manequim. Cada uma cria maneiras específicas de se relacionar com as edições, nas quais podem seguir os passos dados nos cadernos e folhas de moldes ou simplesmente se reinventar para dar um toque de personalidade às produções.

Conclui-se que desde seu início em 1959, a revista Manequim não sofreu profundas mudanças no segmento de público-alvo e no formato de publicação. Para continuar sendo comercializada e com a fidelidade das costureiras em um mundo cada vez mais tecnológico, a revista precisou se manter impressa. O que surgiu de novo foram as relações das redes sociais, como o grupo *online* mencionado, nas quais as leitoras interagem, tanto com outras leitoras quanto com o pessoal da equipe, criando e efetivando as relações constituídas pelo desejo em comum de costurar.

Referências

ALGRANTI, L. M. Famílias e vida doméstica. Novais, F. A.; Souza, L. M. (Org.). **História da vida privada no Brasil: cotidiano e vida privada na América Portuguesa** (p. 523). São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

CALANCA, Daniela. **História Social da Moda**. São Paulo: Senac, 2011.

DOMICIANO, Cassia L. C. Design Editorial na Contemporaneidade: Revistas Impressas e Digitais. *In: MENEZES, Marizilda dos Santos; MOURA, Monica. Rumos da pesquisa no design contemporâneo: Relação tecnologia × humanidades*. São Paulo: Estação das Letras e Cores LTDA., 2013.

EMÍDIO, Lucimar F. B. **MODELO MODThink: O Pensamento de Design Aplicado ao Ensino-Aprendizagem e Desenvolvimento de Competências Cognitivas em Modelagem do Vestuário**.

- Tese (doutorado) - Universidade Estadual Paulista. Faculdade de Arquitetura, Artes, Comunicação e Design. Bauru/SP, 2018.
- FRASQUETE, Débora Russi; SIMILI, Ivana Guilherme. A moda e as mulheres: As práticas de costura e o trabalho feminino no Brasil nos anos 1950 e 1960. **Historia da Educacao**, [S. l.], v. 21, n. 53, p. 267–283, 2017. DOI: 10.1590/2236-3459/60209.
- GRUSZYNSKI, Ana Cláudia. Design editorial e publicação multiplataforma. **Intexto**, [S. l.], n. 34, p. 571–588, 2015. DOI: 10.19132/1807-8583201534.571-588.
- GUARALDO, Laís. A expressão gráfica nos projetos editoriais. **Expressão Gráfica**, [S. l.], v. 16, n. 1, p. 18–32, 2012.
- HIRATA, H.; KERGOAT, D. Novas configurações da divisão sexual do trabalho. **Cadernos de Pesquisa**, [S. l.], v. 37, n. 132, p. 595–609, 2007. DOI: 10.1590/s0100-15742007000300005.
- LINS, M. O.; LIMA, A.; MIRANDA, E. R.; WAECHTER, H. N. Moldes da revista Manequim: uma observação do design sobre as informações sequenciais de como tirar os moldes e das folhas de moldes. **Congresso Brasileiro de Pesquisa e Desenvolvimento em Design**. (p. 1156-1167). Belo Horizonte – MG: Blucher Design Proceedings, 2016.
- MARTINDALE, Addie; MCKINNEY, Ellen. Why Do They Sew? Women’s Motivations to Sew Clothing for Themselves. **Clothing and Textiles Research Journal**, [S. l.], v. 38, n. 1, p. 32–48, 2020. DOI: 10.1177/0887302X19872552.
- MEDEIROS, Maria J. F. **Design do vestuário**: modelagem aplicada na alfaiataria com o tecido da chita. In: ITIALIANO, I.; SOUZA, P. M. (Org.). **Os caminhos da pesquisa em modelagem**: história, ensino, conceitos e práticas (p. 208). São Paulo: Escola de Artes, Ciências e Humanidades, 2019.
- MÍDIA KIT MANEQUIM. **Manequim**: A primeira e mais vendida revista de moda do Brasil. Editora Caras: São Paulo, 2016.
- MONTELEONE, Joana de Moraes. Costureiras, mucamas, lavadeiras e vendedoras: o trabalho feminino no século XIX e o cuidado com as roupas (Rio de Janeiro, 1850-1920). **Revista Estudos Feministas**, [S. l.], v. 27, n. 1, 2019.
- NUNES, Valdirene Aparecida Vieira. **Mulheres na alfaiataria - da invisibilidade às alfaiatas no design de moda contemporâneo**. Tese (doutorado) - Universidade Estadual Paulista. Faculdade de Arquitetura, Artes, Comunicação e Design. Bauru/SP, 2021.
- REVISTA MANEQUIM. São Paulo: Escala, 1959- . Edições 737 e 740. ISSN 0025-2077.
- Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial do Paraná (SENAI – PR). **Modelagem Feminina – Tecido Plano**. Paraná: SENAI – PR, 2007.
- SILVA, M. A. da. Abordagem sobre trabalho artesanal em histórias de vida de mulheres. **Educar em Revista**, [S.l.], n. 55, p. 247-260, mar. 2015. FapUNIFESP (SciELO). DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/0104-4060.36810>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/er/a/jPjKVMtsYxWtXznnXM9tT4D/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 08 dez. 2020.
- SILVA, Paula Rafaela Da. A primeira revista de moda do Brasil: uma análise síntese dos editoriais das primeiras edições da revista Manequim®. **VII Congresso Internacional de História**, [S. l.], p. 2057–2069, 2015. DOI: 10.4025/7cih.pphuem.1413.